Fortaleza e as cidades que nela coexistem

J. C. ALENCAR ARARIPE (*)

O autor projeta as dimensões da explosão populacional e do drama social da capital, com problemas que se agravam a cada dia. Que podemos fazer para resolvê-los ou atenuá-los?

Município e cidade de Fortaleza comemoram 271 anos de existência. A 13 de abril de 1726, instalava-se a vila de Fortaleza, tendo como termo todo o território da Capitania, menos as 14 léguas destinadas ao termo da vila de Aquirás.

A ordem régia do capitão-mor Manuel Francês, com data de 11 de Março de 1725, suscitou demorada contenda: por considerar-se a mais antiga, a vila de Aquirás queria ser cabeça de comarca e residência do pároco, o que, afinal, prevaleceu até 1816, a partir de quando Fortaleza se tornou sede da Ouvidoria.

Anotaria Tristão de Alencar Araripe em *História da Província do Ceará:* "Tal é a importância que têm questões mínimas entre gente pouco culta". E acrescentava: "A falta de assuntos graves e de grande alcance dá valor a essas miseráveis questiúnculas, que mostram quão disputador é o espírito humano".

O tempo e a evolução encarregar-se - iam de restringir territorialmente a vila surgida ao lado da Fortaleza, e com esse nome batizada, sob a invocação de Nossa Senhora da Assunção. "O Ceará", de Antônio Martins Filho e Raimundo Girão, 3ª edição de 1956, assinala ser Fortaleza um dos menores municípios do Estado, ocupando 336 km². No censo de 1996, essa área está reduzida a 313,8 km². Tamanho não é documento, dir-se-á. Assim não fora, Santana do Cariri, o de maior extensão, com 4.270 km², seria o município *primus inter pares*, o que, infelizmente, não ocorre.

(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará

Explosão Demográfica

Se a base geográfica é de tamanho acanhada, o mesmo não se dirá no tocante ao número de habitantes, cerca de dois milhões, ou, mais precisamente, 1.967.365, segundo o censo do ano passado do IBGE. Isso, no que respeita tão só a Fortaleza. Mas o mundão de gente que se movimenta no município e na cidade é bem maior, abastecidos pelos que provêem da região metropolitana, onde surpreendem duas cidades dormitórios: Caucaia e Maracanaú, a primeira, com população estimada em 208.902 e, a segunda, com 160.088.

Fortaleza é uma das metrópoles brasileiras marcadas pelo fenômeno da explosão demográfica, é uma cidade inchante. Em estudo sobre a urbanização no Brasil, no final da década de 60, o Prof. L. Lynn Smith, da Universidade da Flórida, salientava este fato: "Na verdade, em termos relativos, o crescimento de cidades como Belo Horizonte (com cerca de 700 mil em 1960) e Fortaleza (com bem mais de 500 mil residentes em 1960) era ainda mais espetacular que o crescimento de São Paulo e Rio de Janeiro".

Assusta-me quando atento para o crescimento urbano de Fortaleza pelas inevitáveis e desastrosas conseqüências, já que nem sempre obedeceu a um planejamento racional. Há, por isso mesmo, repercussões negativas do ponto de vista moral, social, criminal, político, econômico e educacional.

Em 1910, João Brígido fazia esta previsão: "É para ver quão depressa teremos uma cidade cercada de Jacarecanga a Aldeota, da praia até Porangabussu, afora os caminhos que conduzem a Messejana, Arronches e Soure, já constituídos em arruamentos quase sem interrupção". A partir da década de 40, a inchação se acentuaria, deixando muito para trás aqueles estreitos limites a que se referia João Brígido: aquilo que para o velho polígrafo seria extrema tornou-se centro, a área rural desapareceu, os municípios circundantes vão juntando com Fortaleza pé e cabeça.

No trânsito, é o que se vê todo dia e a toda hora: intensa e dificultosa movimentação de veículos particulares; o transporte público deixa muito a desejar, evidenciando-se o quanto seria providencial que ingressássemos sem delongas na fase dos trens rápi-

dos e descongestionantes de um metrô. Estado e Prefeitura deviam dar-se às mãos no traçado das linhas e concretização do empreendimento.

A Cidade Ideal

Se aqui não residisse há 59 anos, Fortaleza já teria deixado de ser para mim a cidade ideal. Não gosto de cidades grandes. Os técnicos apontariam muitos inconvenientes. Eu os resumiria nestes: a falta de humanização, de espírito gregário, a família, diluindo-se no imenso conglomerado, a pessoa humana valendo cada vez menos.

Talvez por isso mesmo é que, em 1957, depois de visitar New York, Chicago, Boston, San Francisco e Los Angeles, dizia a um entrevistador norte-americano que gostara mais das cidades pequenas dos Estados Unidos, tão bem arrumadas, simpáticas e acolhedoras. Como, se me deparasse com a alternativa de escolher entre São Paulo, Campinas, Ribeirão Preto, Marília ou Jundiaí, preferia qualquer uma destas últimas, a ver-me na contingência de residir na metrópole que mais cresce.

A cidade ideal, segundo especialista, seria aquela que reunisse de 250 a 300 mil habitantes. Fortaleza, dentro desse critério, faz tempo que perdeu as condições de ser apontada como cidade ideal. Se, os que nela nascemos ou moramos, há muitos anos, somos enamorados dos seus sortilégios, explica-se. É questão de filiação ou convivência. Alcançamo-la menor, mais provinciana, a ela nos afeiçoamos. Assistimos a sua evolução, fomos contemporâneos das transformações que lhe mudaram a fisionomia. A vida passa e quase não a sentimos.

A situação é preocupante. Porque a expansão de Fortaleza, tal como vem ocorrendo, não é fruto tão só de desenvolvimento. Ao contrário, traduz alta dose de atraso, de pauperismo.

Milhares e milhares de coestaduanos, que afluem à capital, notadamente nas épocas de seca, vêm acossados pela situação insustentável com que se deparam no interior, onde não recebem assistência educacional e médica, onde não encontram meios de subsistência. Daí, as favelas que se multiplicam como cogumelos.

Avanço para o Leste

As cidades não evoluem de maneira uniforme. Existem áreas privilegiadas pela localização e favorecidas por acidentes que lhe dão relevo; outros trechos conhecem períodos de prosperidade e depois decaem à falta de perspectiva; há deles que param no tempo apesar do papel saliente que representam como caminho de viandantes. Fortaleza não seria exceção.

A Fortaleza das grandes avenidas é uma coisa; a iluminação a mercúrio deu-lhe graça e encanto noturno; a Beira-Mar e o seu prolongamento à Praia de Iracema aformosearam a zona costeira e encheram-na de atrativos enleantes; a floresta de edifícios de apartamentos é imponente, mas lamentavelmente compromete a ventilação e o clima pelo gabarito além do razoável e conveniente; prevaleceu o poder econômico em detrimento do interesse maior do meio ambiente.

O jornalista Murilo Mota, que por muitos anos viveu, como editorialista do *Correio do Ceará*, a problemática citadina, escreveu:

"Possuía, quando ainda mantinha escritório de advogado, obra de autor americano sobre o tema da avaliação imobiliária, na qual esse perito enunciava a regra de que, nas cidades litorâneas, o desenvolvimento urbano se faz sempre para o leste, na direção do sol nascente. É o que tem acontecido em Fortaleza, como mostra a sua história. A cidade nasceu em torno de um riacho, o Pajeú. E depois da concentração do núcleo junto à Fortaleza, foram os bairros litorâneos que se desdobraram em direção ao Mucuripe, a partir da antiga Praia do Peixe, hoje de Iracema. Sob o bafejo das ondas, a urbe caminhava para outro curso d'água, a foz do Cocó. Ultrapassada esta, no decorrer do século, a meta tornou-se outro riacho, a foz do Pacoti, não superada ainda. Em nosso jogo de amarelinha, saímos pulando de corrente a corrente, sempre para o nascente. Aproveito a oportunidade para uma explicação. A denominação de Praia do Futuro foi dada por mim, quando editorialista do *Correio do Ceará*, mas o que eu queria dizer é que aquela era a praia do nosso futuro urbano, e não dar um nome definitivo a ela, sem sentido, aliás, para ser um nome próprio, para ter caráter toponímico. Mas o nome pegou e ficou. E a cidade foi atraída para

o Mucuripe, como se na sua ponta houvesse sido plantado um imã. A tentativa de urbanização a oeste, na Barra do Ceará, foi débil. Coincidência?

A Fortaleza dos pobres é diferente; aqui e ali, um oásis, a gente até se encanta com casas senhoriais guarnecidas de gradil e com bonito jardim; às vezes, tem-se a sensação de estar numa cidadezinha do interior, pelo desencanto e uniformidade das casas e pelas cadeiras na calçada; não é preciso ir aos subúrbios para encontrar esses ambientes; eles estão espalhados por toda parte, mesmo naqueles mais próximos do que se convencionou chamar de coração da metrópole.

A Fortaleza dos excluídos está, igualmente, por toda parte, a estender a mão à caridade e ao espírito do Bom Samaritano, uma das páginas mais tocantes do Evangelho; concentra-se, porém, nas favelas, que nem sempre brotam na periferia, porque se enquistam onde podem surgir; é o drama da sobrevivência dos que não têm nada.

Existe também a Fortaleza do Centro, que não é centro, propriamente, dentro das medidas geométricas; fala-se, com insistência, na sua revitalização, mas ouvi de alto empresário, em reunião a que estava presente o prefeito Juraci Magalhães, que o centro nunca esteve tão ativo e dinâmico, o que é comprovado pelo crescente volume dos negócios e o alto custo imobiliário.

Se o problema do centro não reside na revitalização, seguramente é de conservação. Há obras a executar pela Prefeitura e da responsabilidade dos proprietários de imóveis, como, por exemplo, a restauração das calçadas, que é encargo deles, não convindo o emprego da pedra portuguesa porque não é o material apropriado para corredores de intensa movimentação de pedestres. Tornar o centro habitável por famílias parece não ser a sua tendência natural. Estranho que ali não prosperem hotéis, e já o tivemos de boa qualidade, nem consigam sobreviver os cinemas, um dos quais, o São Luis, um dos mais bonitos do País, está a salvo porque foi tombado. São casos atípicos. Talvez seja Fortaleza a única capital do Estado que não tenha um bom hotel em área tão privilegiada do comércio. Por que não são promovidas pesquisas de mercado que esclareçam e sirvam para fixação de rumos e diretrizes?

A Cidade é Nossa

Imperioso, que o município assuma maior participação no governo da cidade, no sentido de sugerir, estar atento à evolução dos acontecimentos, discutir e propor indicações. Falar na hora devida, sem agressão, com o propósito de colaborar. Está em foco o novo mercado. Como se portaram as forças responsáveis da cidade? Discutiram com propriedade a iniciativa? Convinha, hoje está evidente, que a deixássemos aos cuidados da empresa privada, conforme as inclinações prevalentes na gestão de negócios dessa natureza. Outra é a função que cabe à Prefeitura.

Fortaleza tem pontos altamente positivos e deles é que devemos partir, num esforço conjugado, para alçá-la a posição condigna, sob o ponto de vista urbano e no plano das conquistas sociais que a redimam e a humanizem. Os saltos dados no terreno do saneamento, nos últimos anos, são alentadoras mensagens de desenvolvimento.

Claro que não podemos obrar milagres. Para conjurar os males do exagerado processo de urbanização, uma doença do século, no Brasil e no mundo, necessário que, ao lado da nossa consciência crítica e da nossa ação construtiva, providências em profundidade evoluam no complexo da sociedade, como um todo.

Que pode cada um de nós fazer pela sua cidade? Pensemos nisso. Questionemos a nós mesmos. Não fiquemos indiferentes. Afinal de contas, a cidade é nossa. Ajudá-la a conservar-se limpa, asseada, habitável na sua plenitude, economicamente próspera, para garantia de trabalho à massa obreira, oferecer perspectivas educacionais à infância abandonada que perambula pelas ruas - eis um desafio permanente ao espírito criativo e empreendedor da comunidade.

Referências Bibliográficas

ARARIPE, Tristão de Alencar. *História da Província do Ceará:* desde os tempos primitivos até 1850. 2. ed. Fortaleza: Minerva, 1985. 174p.

BRÍGIDO, João. *A Fortaleza em 1810.* Fortaleza: Edição UFC/Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1979. 102p.

MOTA, Murilo. *A casa de minha mãe.* Fortaleza: Imprensa Universitária UFC, 1991. 186p.

MARTINS FILHO, Antônio, GIRÃO, Raimundo. *O Ceará.* 3. ed. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1966. 544p.